

REAL OU FICÇÃO? A SÁTIRA DO NACIONALISMO BRASILEIRO NA SÉRIE “FILHOS DA PÁTRIA”

Carlos Augusto Dias do Nascimento¹
ORCID: 0009-0003-2688-4537

Horrana Grieg e Souza Oliveira²
ORCID: 0009-0003-5929-3725

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar a relação entre humor e política por meio da sátira do nacionalismo brasileiro. Para tanto, a literatura se debruça sobre duas correntes de estudo sendo a primeira aquela que entende o nacionalismo como uma espécie de comunidade imaginada e a segunda que defende que esse fenômeno é despertado na sociedade de forma banal, exponenciado pelo uso de elementos da identidade nacional. O objeto de pesquisa será a série de televisão “Filhos da Pátria”, produto audiovisual do streaming Globoplay. Desenvolvida mediante a metodologia da análise de conteúdo, método qualitativo que favorece a descrição e interpretação de conteúdos presentes nas mais diversas formas de comunicação, a pesquisa concluiu que a sátira do nacionalismo brasileiro foi utilizada como uma forma de criticar tanto a sociedade quanto a política brasileira.

50

Palavras-chave: Nacionalismo; Identidade Nacional; Sátira; Filhos da Pátria

¹ Mestre em Ciência Política pelo Departamento de Ciência Política da Universidade Federal de Minas Gerais e especialista em Projetos Editoriais Impressos e Multimídia pelo Centro Universitário Una. augustodacomunicacao@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7789677649734833>

² Bacharel e Pós-Graduada em Direito Público, Bacharel em Ciências Sociais pela UFMG. Mestre em Antropologia pela UFMG. Doutoranda no curso de Ciências Políticas na UFMG. Advogada (OAB/MG: 159.556) Vinculada ao Grupo de Pesquisa “Opinião Pública, Marketing Político e Comportamento Eleitoral da Universidade Federal de Minas Gerais. Associada ABRA-PEL - Associação Brasileira de Pesquisadores Eleitorais. horrana.grieg@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3318973130392260>.

Abstract: This work aims to analyze the relationship between humor and politics through the satire of Brazilian nationalism. To this end, the literature focuses on two currents of study, the first being that which understands nationalism as a kind of imagined community and the second which argues that this phenomenon is awakened in society in a banal way, exponentiated by use of elements of national identity. The object of research will be the television series “Filhos da Pátria”, an audiovisual product from Globoplay. Developed using content analysis methodology, qualitative method that favors the description and interpretation of content present in the most diverse forms of communication, the research concluded that the satire of Brazilian nationalism was used as a way of criticizing both Brazilian society and politics.

51

Keywords: Nationalism; National Identity; Satire; Filhos da Pátria

Resumen: Este trabajo tiene como objetivo analizar la relación entre humor y política a través de la sátira del nacionalismo brasileño. Para ello, la literatura se centra en dos corrientes de estudio, siendo la primera la que entiende el nacionalismo como una especie de comunidad imaginada y la segunda que sostiene que este fenómeno se despierta en la sociedad de manera banal, exponencial. mediante el uso de elementos de identidad nacional. El objeto de la investigación será la serie de televisión “Filhos da Pátria”, producto audiovisual de Globoplay streaming. Desarrollado utilizando la metodología de análisis de contenido, método cualitativo que favorece la descripción e interpretación de contenidos presentes en las más diversas formas de comunicación. la investigación concluyó que la sátira del nacionalismo brasileño fue utilizada como una forma de crítica a la sociedad brasileña. política.

Palabras clave: Nacionalismo; Identidad nacional; Sátira; Hijos de la Patria

Introdução

Às vésperas das eleições de 2014, estreou nos cinemas brasileiros o filme “O Candidato Honesto”, comédia dirigida por Roberto Santucci e estrelada pelo humorista Leandro Hassum. O roteiro da obra gira em torno do deputado João Ernesto Ribamar, político que está prestes a ser eleito presidente do Brasil, mas que acaba se envolvendo em um esquema de corrupção chamado “mesadinha”. Carismático, religioso, de origem humilde e declaradamente um homem de família, João Ernesto se mostra como uma caricatura dos políticos nacionais, assim como o enredo do filme entrega uma sátira da política brasileira.

“O Candidato Honesto” nada mais é que um entre muitos produtos midiáticos que utilizam do humor para criticar a sociedade, a política e seus representantes. Na realidade, essa relação entre humor e política não é uma novidade. Apesar de amplamente consumido na sociedade contemporânea, a sátira política ganha especial destaque no audiovisual a partir da metade do Século XX, com o programa britânico “That Was the Week That Was” (1962), que repercutia de forma satírica e musical os eventos da semana. Não demorou muito para o formato atravessar o Atlântico e se firmar na grade televisiva dos Estados Unidos da América, impulsionando programas como o Saturday Night Live (1975), Os Simpsons (1989) e, mais recentemente, o Last Week Tonight With John Oliver (2014).

Nesta perspectiva, Gramson (1999) aponta que o entretenimento televisivo pode influenciar a construção de ideias políticas na audiência, assim como conteúdos mais politizados contribuem para salientar assuntos que integrarão a agenda de discussão da população. A adição do humor, neste sentido, destaca Freire (2016), é utilizada para criticar o governo, de forma não agressiva, indicando aspectos da governança que podem ser alterados. Sendo assim, o humor passa a ser utilizado para deixar os assuntos mais cativantes e os argumentos mais compreensíveis (Pardal, 2015).

Tendo em vista a relevância do entrelace do humor com a política, não é surpresa que no âmbito acadêmico diversos sejam os estudos que se debruçam sobre essa relação (Baronas, 2013; Queluz, 2016; Carniel et al, 2018; Pardal, 2015; Freire, 2016) em suas mais diversas formas, seja por meio de paródias, sátiras, charges, narrativas audiovisuais ou memes.

No Brasil, poucas são as pesquisas que contemplam temas específicos da temática que engloba a ciência política e relacionam com elementos do humor. Sendo assim, este trabalho focará na relação entre o gênero literário sátira e a retórica nacionalista em narrativas audiovisuais, tendo como material de análise o seriado “Filhos da Pátria”, do Globoplay, que se caracteriza como uma sátira da política brasileira, misturando diferentes contextos históricos do país. A escolha do seriado é sustentada pelo fato da narrativa percorrer dois importantes momentos para o nacionalismo brasileiro, o processo de Independência e o Estado Novo, e relacioná-los com acontecimentos políticos da contemporaneidade. Dessa forma, o objetivo é identificar como diálogos e eventos históricos passados podem culminar na sátira do nacionalismo à luz da política contemporânea. Para tanto, a pergunta que norteará esta pesquisa é: Por que o nacionalismo é utilizado como crítica social na série “Filhos da Pátria”?

A hipótese defendida nesta pesquisa entende que a escolha de usar o nacionalismo para satirizar a política brasileira está em consonância com o contexto político que o Brasil se encontrava na época da produção do seriado (2017 - 2019).

Este trabalho está dividido em três seções principais, além desta introdução e das considerações finais. A primeira é o referencial teórico, que percorre duas correntes de estudos do nacionalismo, sendo eles a noção de comunidade imaginada, proposta por Anderson (1983), e o nacionalismo banal, de Billing (1995), além de abordar o nacionalismo brasileiro na cronologia que se inicia no processo de Independência, seguindo pela proclamação da república e o Estado Novo, até chegar em Jair Bolsonaro. No referencial teórico também é apresentado o entendimento de sátira política.

A segunda seção contempla a metodologia e o objeto de análise. Para o desenvolvimento deste estudo foi utilizado o método da análise de conteúdo, que favorece a descrição e interpretação de conteúdos presentes em diversas formas comunicacionais, além de permitir que o pesquisador vá além do conteúdo explícito para entender os significados do objeto analisado. Dessa forma, foram analisados três episódios do seriado “Filhos da Pátria”, que trazem em suas respectivas narrativas eventos que foram marcantes para a mobilização do nacionalismo brasileiro. Por fim, a terceira seção apresenta a análise de conteúdo que foi feita a partir de duas categorias de análises: o nacionalismo e a sátira.

De comunidade imaginada ao banal

De modo geral, a primeira acepção que guia o senso comum sobre nacionalismo é que esse fenômeno seria o sentimento de considerar a nação a qual pertencemos, por razões específicas, melhor que as demais nações que compõem o globo (Guimarães, 2008). Sendo assim, ao entranhar esse sentimento, teríamos a ideia de que, por sermos melhores, teríamos mais direitos sobre os outros. Como exemplo de manifestações extremas desse sentimento, apresenta-se a xenofobia e, no caso da supremacia ariana alemã, o holocausto. Outra corrente que se propaga é aquela que entende o nacionalismo como o desejo de afirmação e de independência política diante de um Estado opressor ou, quando o Estado se torna independente, o desejo de assegurar que ele seja melhor (Guimarães, 2008). Todavia, diferentes linhas de pesquisas apontam para definições mais profundas e complexas do fenômeno do nacionalismo.

Os estudiosos clássicos do nacionalismo apresentam a prerrogativa de que os Estados-nação, em especial no início de sua formação, erguiam consigo narrativas nacionais em torno de atributos étnicos de um grupo central, sendo que essa atribuição também poderia vir em forma de valores e princípios (Brubaker *apud* Mylonas e Tudor, 2021). Por outro lado, pesquisadores que observam o nacionalismo fora da Europa, em especial nos países colonizados, destacam que tanto esses valores e princípios quanto à identidade nacional que os Estados-nações colonizados carregam estão fundadas na miscigenação dos colonizadores com os indígenas habitantes daquele local (Anderson, 1983).

Uma agenda de investigação que trata as narrativas nacionais como uma força causal para uma série de resultados políticos está em ascensão. Essa corrente destaca que essas mesmas narrativas nacionais são capazes de moldar a distribuição política, a justiça, a inclusão social, a ideologia política, o comportamento eleitoral e dinâmicas de guerra, assim como a probabilidade de genocídio, especialmente quando grupos excluídos são vistos como subordinados ou perigosos (Mylonas e Tudor, 2021). É nesse contexto de narrativas que Anderson (1983) apresenta o nacionalismo como uma forma de imaginar e, assim, criar comunidades. Para ele, a nação é imaginada como uma comunidade, pois, independente das explorações e desigualdades sociais, essa mesma nação é sempre entendida como um grupo de irmandade horizontal. O poder dessas narrativas nacionais é tão forte, mesmo em

momentos de crises ou divisão interna, que ela é capaz de despertar o sentimento de pertencimento nessas irmandades ou grupos, que seria a consciência nacional. Essa situação é perceptível quando, ao longo da história, grupos e indivíduos morreram e estiveram dispostos a morrer pela nação, mesmo ela sendo uma comunidade tão imaginada ou criada quanto os símbolos da identidade nacional que as representam (Anderson *apud* Calhoun, 2016).

Dessa forma, cinco características das nações e do nacionalismo podem ser inferidas como comunidades imaginadas, de acordo com Anderson (1983): 1) O nacionalismo apresenta como uma de suas características a criação de raízes de medo nos membros de sua comunidade assim como estimula o ódio aos membros externos. Todavia, nas raízes internas, esse fenômeno estimula o amor à nação e o auto-sacrifício por ela; 2) A prerrogativa do amor e do auto-sacrifício pela nação está atrelada às raízes culturais do nacionalismo a partir da exaltação de poemas, monumentos, lugares e símbolos nacionais, ou seja, elementos da identidade nacional; 3) A criação de comunidades imaginadas naturaliza o sentimento de pertencimento e cristaliza a nacionalidade; 4) A memória e o esquecimento são pontos cruciais na forma de entender o nacionalismo; 5) O ato de lembrar ou esquecer coloca o indivíduo na posição de se identificar não somente em sua individualidade, mas com a comunidade, o que os conecta uns com os outros.

Billing (1995) apresentou ao mundo a teoria do Nacionalismo Banal, em que defende o nacionalismo como um fenômeno temporário, com bases ideológicas, que atinge Estados-nações estabelecidos em momentos de crise. Esta linha de estudo aponta que os indivíduos são atingidos de forma banal por diversos elementos como bandeiras, esportes e hinos nacionais, referências estas que, cotidianamente, os fazem lembrar que os mesmos são parte de uma nação. São esses elementos, de acordo com a teoria, que permitem o entendimento de nacionalismo como um meio pelo qual os Estados-nações do ocidente são reproduzidos.

O Nacionalismo Banal diz que, nas nações estabelecidas, há uma contínua sinalização ou lembrança da nacionalidade do indivíduo, despertadas por elementos da identidade nacional, que seria algo encontrado nos hábitos incorporados da vida social. Ainda de acordo com essa corrente, as pessoas carregam consigo diariamente a identidade nacional, porém ela permanece silenciosa a maior parte do tempo, até que ocorra uma situação de crise, em que os indivíduos se conectem

por meio de seus elementos. De muitas pequenas maneiras, os cidadãos são lembrados de que pertencem a uma nação singular em um mundo cheio de outras nações. É nesse contexto que Billing (1995) afirma que a nacionalidade serve de pano de fundo para discursos políticos e produtos culturais.

Por esses elementos, como citado anteriormente, Billing (1995) destaca as bandeiras e os hinos nacionais como exemplo, mas ele também enfatiza que as bandeiras hasteadas em prédios não podem ser entendidas singularmente como reações de identidade, pois elas vão além e fazem parte da configuração que constituem a identidade nacional, que para o autor é entendida como algo maior que a auto definição individual, e transborda para uma forma de vida, vivida diariamente no mundo das nações. Nesse caso, ter uma identidade nacional envolve estar situado fisicamente, legalmente, socialmente, bem como emocionalmente. Significa estar dentro de uma pátria, que está situada dentro do mundo das nações. E somente se as pessoas acreditarem que têm identidades nacionais essas pátrias serão reproduzidas.

O pensamento nacionalista inclui a concepção do “nós” (*national-self*), que teria uma identidade única, assim como o entendimento do “eles” (*national-others*), que apresentam identidades diferentes (Billing, 1995). Na perspectiva do “nós”, o nacionalismo exalta as virtudes de uma nação, buscando sempre valorizar os triunfos e as conquistas passadas ou momentos históricos de um povo. Essa característica é muito vista em celebrações como o Dia da Independência em países como Brasil e Estados Unidos, ou o Dia da Queda da Bastilha, na França. Nesse contexto, os heróis nacionais, tanto os passados quanto os contemporâneos, também são lembrados. No caso brasileiro, feriados como 21 de abril, em homenagem a Tiradentes, herói da Inconfidência Mineira, e 20 de novembro, Dia da Consciência Negra, em que é celebrado o líder negro Zumbi dos Palmares, são exemplos do nacionalismo presente no “nós”. O “eles”, por outro lado, é uma característica do nacionalismo que discute as ameaças sofridas pela nação, sendo elas por minorias de dentro do Estado ou de nações estrangeiras.

O nacionalismo brasileiro de Vargas a Bolsonaro

As raízes do nacionalismo brasileiro estão entrelaçadas a manifestações regionais e nacionais que fazem parte da trajetória do país, sejam elas as lutas pelo fim da escravidão, as insatisfações pela baixa qualidade de vida da população ou fatores econômicos. A cronologia desse fenômeno é melhor entendida a partir da perspectiva que compreende o nacionalismo brasileiro dividido em três momentos distintos: 1) O processo de Independência; 2) A proclamação da República; 3) O Estado Novo de Getúlio Vargas (Sodré, 1960).

É consenso entre os historiadores que o processo de independência do Brasil foi um movimento pacífico e sem participação popular, fenômeno único entre os países sul americanos, já que países como Argentina, Chile e Equador tiveram guerras em seus respectivos processos emancipatórios. “Uma independência sem jorros de sangue ou episódios violentos é responsável pelo inequívoco déficit de heróis da história brasileira” (Lessa, 2008, p. 242).

Apesar da pacificidade e da inexpressiva participação popular, o 7 de setembro de 1822, dia da Independência do Brasil, pode ser interpretado como o florescimento de uma nova consciência nacional, assim como a emergência de uma concepção de nacionalidade brasileira (Rodrigues apud Salomão, 2017). Ao encontro deste pensamento, o Dia da Independência é tão representativo para o entendimento do nacionalismo brasileiro que, mesmo depois de 200 anos, em 2022, o então presidente Jair Bolsonaro utiliza a data como um signo patriótico na busca de transmitir sua identidade política (Rossi, 2023).

Para entendermos a relevância do 7 de setembro para o despertar do nacionalismo brasileiro, é preciso entender o contexto histórico do momento. A própria história mostra que a relação entre política e economia foi o ponto chave que culminou na Independência do Brasil de Portugal. Nascida indiretamente da onda ideológica burguesa que se espalhava pela Europa, a emancipação do Brasil colônia atendeu a necessidade de expansão do mercado consumidor impulsionada pela Revolução Industrial inglesa, que tinha certa objeção ao monopólio comercial do qual gozava Portugal, forçando os lusitanos a adotarem medidas liberais, o que aumentou ainda mais as tensões entre os os luso-brasileiros e as elites portuguesas. Se por um lado as elites portuguesas queriam enfraquecer a monarquia lusitana, por outro, os brasileiros almejavam pela liberdade comercial.

Por isso o entendimento de que o liberalismo foi um catalisador do processo de Independência do Brasil (Salomão, 2017).

Pouco mais de um século foi necessário para o nacionalismo brasileiro ser inflado na sociedade, isso porque esse fenômeno no Brasil está diretamente ligado ao período do governo de Getúlio Vargas, em especial o Estado Novo (1937 - 1945). Vargas foi um incentivador do nacionalismo de diversas maneiras, desde a implementação de políticas populistas até a utilização de propagandas que valorizavam o território nacional.

Sob a gestão Vargas e o pretexto de reconstruir a nação, que estaria ameaçada por perigos como o comunismo, as ideias autoritárias e nacionalistas ganharam adeptos em todo o território nacional. Entre os anos de 1935 e 1937, o Brasil viveu uma “explosão patriótica” (Dutra, 1997), em que tanto a esquerda quanto a direita utilizaram a retórica nacionalista para expor seus planos para o país. Esse movimento, pontua Dutra (1997), fica claro com expressões e palavras como “salvação nacional”, “liberdade do país” e “sentimento de pátria”, que eram muito utilizadas nos discursos e propagandas do governo.

A propaganda política e o incentivo ao nacionalismo exacerbado eram alguns dos mecanismos de Getúlio Vargas para controlar as massas e garantir a ordem. Em 1939, Vargas criou o Departamento de Imprensa e Propaganda - DIP, que tinha como propósito a difusão da ideologia do Estado Novo junto às camadas mais populares da sociedade. A função do DIP era promover intervenções artísticas, organizar manifestações cívicas e festas patrióticas, além de coordenar toda a propaganda em âmbito nacional, influenciando diretamente na vida cultural da sociedade brasileira. Nesse período, que além de atitudes nacionalistas também foi caracterizado pelo autoritarismo, trazia como lema do estado “Deus, pátria e família”, iniciativa apoiada tanto pelas forças armadas quanto pela igreja católica.

O DIP exerceu uma grande influência na propagação da noção de identidade nacional brasileira, tendo o samba como um dos seus elementos. O departamento estimulava compositores de samba a criarem músicas que faziam apologia ao governo e seus valores, sendo que essas mesmas composições eram amplamente divulgadas por meio da radiodifusão.

Anderson (1983) chamou o intuito de um determinado governo em reproduzir os valores nacionais de Nacionalismo Oficial, que tem como princípio um aspecto defensivo contra agressões, ameaças ou constrangimentos políticos de

origens externas. Essas ameaças, além do comunismo, eram vistas no Estado Novo varguista como liberalismo econômico, capitaneadas pelo capitalismo europeu. Nesse sentido, economicamente, o então presidente optou por diversificar sua gama de atuação e se fechar para as importações, e também criou grandes empresas estatais, como a Petrobras e a Vale do Rio Doce.

A história do Brasil mostra que a utilização de discursos nacionalistas não ficou restrita ao período do Estado Novo. Em 2018, Jair Bolsonaro foi eleito o 38º presidente do Brasil sob um slogan de campanha que proclamava “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, discurso que vai ao encontro da prerrogativa que afirma que o Estado está acima da sociedade (O’donnell, 1972). Nesse contexto, a noção de Estado vai além do território e das instituições, estando diretamente associada às tradições, valores e símbolos da identidade nacional, atitude percebida não só na campanha presidencial de Bolsonaro, mas também ao longo de todo seu mandato, que adotou como lema a frase “pátria amada Brasil”, trecho presente no hino nacional brasileiro, ou seja, um elemento da identidade nacional do país.

Em relação à retórica nacionalista, o projeto bolsonarista não cria nada de novo (Zanetti e Lalli, 2021), já que atende as demandas ideológicas da sociedade e reproduz discursos pelos quais a população pode se atualizar e se autoreposicionar no mundo globalizado. Zanetti e Lalli (2021) pontuam que “o nacionalismo bolsonarista serve a esse propósito ao recuperar velhos conflitos da identidade nacional brasileira e internalizar os novos dilemas da ordem social neoliberal”. Tal iniciativa desfigura a ideia de nacionalismo, resultando em uma contradição que promove o desmantelamento das instituições de proteção do Estado em nome de uma nação que a liderança clama defender.

60

A sátira do nacionalismo do Brasil: da novela ao factual

Com sua origem datada na Grécia antiga, a sátira pode ser entendida como um gênero literário ou discurso moldado a partir de diversos contextos históricos da sociedade, sejam eles políticos, culturais ou sociais (Pardal, 2015; Bunde, 2024). Essencialmente bem-humorada, esse estilo é sempre uma crítica exagerada e caricatural à alguém ou alguma instituição, política ou não, proferida por meio de diversas formas narrativas como a poesia, o romance, o cinema, a música, a televisão ou o teatro (Schutz, 1997), com o objetivo de ridicularizar a sociedade ou o sistema do poder instituído (Scott, 2005).

É uma das características da sátira forte presença da ironia, além de conter uma certa carga de sarcasmo. Por mais que esse gênero não tenha o objetivo central de fazer a audiência rir (Bunde, 2024; Pardal, 2015), o estilo acaba alcançando tal feito por se aproximar da comédia. Gray (2009, p. 12) destaca que “a sátira é uma agressão verbal em que um aspecto da realidade histórica é exposto ao ridículo”. Dessa forma, a crítica social manifestada por meio da sátira acaba criando um elo de identificação com a audiência (Bunde, 2024).

No Brasil, as primeiras manifestações satíricas são identificadas pelo movimento literário barroco de Gregório de Matos Guerra (1636 - 1696), advogado baiano considerado o mais importante poeta satírico da literatura em língua portuguesa do período colonial. Conhecido como “Boca do Inferno”, o advogado foi autor de diversos sonetos satíricos que criticavam a sociedade baiana da época. Pouco mais de um século depois, com a chegada da família real portuguesa e da mídia impressa ao Brasil, folhetins como “O Malho” (1902) e posteriormente “O Pasquim” (1969) ganharam destaque ao satirizar a sociedade e a política brasileira de suas respectivas épocas.

Séculos depois, na virada do milênio, a sátira política ganha espaço nos programas de televisão brasileiros, em especial os humorísticos. Gray, Jones e Thompson (2009) destacam que a sátira na TV foi responsável pelas mais inteligentes, complexas e provocantes análises do panorama político da sociedade. Os semanais “Casseta e Planeta” e “Zorra Total”, ambos da Rede Globo, apresentavam em seus respectivos quadro de personagens sátiras dos políticos Luiz Inácio Lula da Silva (2006) e Paulo Maluf (1999).

Todavia, o movimento da sátira política não ficou restrito aos programas humorísticos e ganhou espaço em outros produtos narrativos seriados como as novelas e séries de TV. Um dos exemplos é a novela “O Bem-Amado” (1973), da Rede Globo, que apresentou a história de Odorico Paraguaçu, um personagem sátira aos políticos da época. Em comemoração aos 500 anos do Brasil, a mesma Rede Globo também produziu a minissérie “O Quinto dos Infernos” (2000), uma sátira da chegada da família real portuguesa ao país. Outro produto, da mesma emissora, que também satiriza a política e a sociedade brasileira é a série “Filhos da Pátria”, que explora a rotina de uma família de classe média brasileira no período de governo de Getúlio Vargas, e será o objeto de estudo desta pesquisa.

Metodologia e objeto de análise

“Filhos da Pátria” é um seriado audiovisual brasileiro criado pelos roteiristas Alexandre Machado e Bruno Mazzeo. Produzido pela plataforma de streaming Google Play, o produto estreou no dia 3 de agosto de 2017, e conta com vinte e dois episódios distribuídos em duas temporadas, sendo doze na primeira e dez na segunda. O roteiro é uma comédia que narra o cotidiano da família Bulhosa em dois momentos históricos do Brasil, o processo de Independência, no Brasil Império, e a ascensão de Getúlio Vargas na década de 1930.

O núcleo dos Bulhosa gira em torno de Geraldo, patriarca da família que é apresentado como um homem de bem e boas intenções. Casado com Maria Teresa, uma alpinista social declarada, o casal têm dois filhos, Geraldinho e Catarina. Apesar do contexto histórico da série apresentar um hiato de mais de cem anos entre as duas temporadas, os enredos são independentes e não contam com nenhuma sequência ou ligação.

Esta pesquisa observou que a série apresenta traços característicos do gênero literário classificado como sátira, assim como contempla elementos do discurso nacionalista em seus diálogos. Sendo assim, a fim de estudar a relação entre humor e política, “Filhos da Pátria” será o objeto de estudo desta pesquisa.

Para a realização deste estudo, será utilizada uma metodologia qualitativa, pois ela “envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada” (Godoy, 1995. p. 58), além de permitir que o mesmo se debruce sobre os significados, aspirações, crenças, valores e atitudes do universo explorado (Minayo, 2007), na busca de compreender e interpretar o objeto de estudo.

Dessa forma, o método qualitativo da Análise de Conteúdo será utilizado, pois é uma abordagem de pesquisa que favorece a descrição e interpretação de conteúdos presentes nas mais diversas formas de comunicação (Moraes, 1999), e ainda permite que o pesquisador vá além do conteúdo explícito para entender os significados de um texto, considerando o autor, o destinatário, as formas de codificação e transmissão da mensagem e o contexto em que a comunicação foi feita (Cardoso et al, 2021).

Para responder a pergunta e alcançar os objetivos que norteiam este trabalho, foram selecionados e analisados três episódios da série “Filhos da Pátria”, sendo um da primeira temporada e outros dois da segunda. A utilização

de recortes pontuais e específicos na análise de produtos audiovisuais seriados é uma possibilidade viável, pois esses trechos atuam como pequenas histórias atreladas ao enredo central da trama (Rocha, 2016; Silva, 2022).

Os episódios foram escolhidos por ressaltarem acontecimentos históricos que mobilizaram o nacionalismo na população brasileira, além de contemplarem características satíricas e nacionalistas nos respectivos capítulos selecionados. O acesso aos episódios da série foi feito por meio do streaming Globo Play.

A análise do conteúdo será feita a partir de duas categorias analíticas: o nacionalismo e a sátira, na busca de identificar como diálogos e eventos históricos passados podem culminar na sátira do nacionalismo à luz da política contemporânea. Para tanto, primeiramente será analisado se o conteúdo selecionado apresenta elementos que o classifiquem dentro da retórica nacionalista e, em seguida, o mesmo material, sendo classificado como nacionalista, será analisado à luz do entendimento do conceito de sátira. Dessa forma, busca-se responder a pergunta que norteia este estudo: Por que o nacionalismo é utilizado como crítica social na série “Filhos da Pátria”?

Para identificar a retórica nacionalista no conteúdo selecionado, quatro subcategorias serão analisadas, todas elas norteadas pela noção de comunidades imaginadas proposta por Anderson (1983) e o nacionalismo banal defendido por Billing (1995). São elas: 1) Auto Afirmação e valorização da soberania nacional; 2) A naturalização e a cristalização do sentimento de pertencimento à uma nação; 3) Criação das raízes de medo causadas por ameaças internas e externas; 4) Uso de elementos da identidade nacional.

No caso da sátira, a análise decorrerá a partir do entendimento de Pardal (2015) e Bunde (2024) que a classifica como um gênero literário, em que quatro elementos são atribuídos a sua concepção: 1) Ironia e sarcasmo; 2) Ridicularização; 3) Exagero; 4) Crítica social.

Análise de conteúdo

Episódio 1³ - “8 de setembro de 1822”

A narrativa de “Filhos da Pátria” começa no dia 8 de setembro de 1822, um dia após a proclamação da Independência do Brasil, proferida por Dom Pedro I. Os minutos iniciais do primeiro episódio da série apresenta o personagem Zé Gomes, um escravo liberto, e um grupo de ouvintes em frente ao Paço Imperial descrevendo em detalhes a ação de Dom Pedro I às margens do rio Ipiranga, local do grito de independência. Além de Zé Gomes, os outros personagens que interagem na conversa serão identificados como personagens 1 e 2.

Zé Gomes: Foi às margens do caudaloso rio Ipiranga que se viu nascer a glória...

Personagem 1: É aquele riacho lamacento que fica pelos lados de Santos?

Zé Gomes: É um rio! Um belíssimo rio. E diante dele, Dom Pedro, montado em seu potenlozo cavalo alazão...

Personagem 2: Para aí. Alazão? Naquele lamaçal? Alazão?

Personagem 1: Acho que ali só mula. Tem certeza que não era uma mula?

Zé Gomes: Absoluta! Então, nosso corajoso príncipe empunhou sua espada reluzente e de forma retumbante bradou “independência ou morte”.

No diálogo em destaque, é possível destacar o orgulho que Zé Gomes demonstra da nação brasileira, explanando com emoção e valorização o processo de independência do Brasil, além de elevar a figura de Dom Pedro I como um herói nacional. A eloquência com a qual Zé Gomes descreve o processo, explica um sentimento de pertencimento à nação. Por outro lado, a sátira se faz presente na conversa por meio da ridicularização, do exagero e do sarcasmo, exponenciados no momento em que os personagens 1 e 2 questionam se o cavalo de Dom Pedro I era realmente um “alazão” uma “mula”.

Em um outro momento, ainda no primeiro episódio da série, os personagens Geraldo e Pacheco, ambos funcionários públicos, discutem sobre as vantagens da independência do Brasil de Portugal. No trecho abaixo, é possível compreender a noção de autoafirmação e soberania nacional proposta por Billing

³ Data de lançamento: 3 de agosto de 2017. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6028082/?s=0s>

(1995), assim como a crítica presente na relação entre Brasil e Portugal no período do Brasil Império.

Pacheco: “Geraldo, sente os ventos da mudança. Todo primeiro e segundo escalão de funcionários portugueses indo embora para sempre, de volta para Portugal. É o Brasil livre da exploração estrangeira”.

Episódio 13⁴ - “O cocô do cavalo de Getúlio”

A segunda temporada da série apresenta como marco temporal o Estado Novo de Getúlio Vargas, em 1930. Apesar de contar com um salto de mais de 100 anos em relação aos acontecimentos que serviram de fundo para a primeira temporada, a série continua a focar na família Bulhosa, mas em uma história independente daquela desenvolvida na primeira temporada. Nesta segunda etapa, é frequente as referências a um “novo Brasil” e uma “nova realidade”. A relação de corrupção institucional entre Pacheco e Geraldo continua como um arco relevante no segundo ano da produção. No trecho em destaque abaixo, além de conter raízes de medo causadas por ameaças internas ou externas, no caso o comunismo, é possível perceber a crítica social e também a ironia presente quando o personagem Pacheco refere-se a si próprio e a Geraldo como “nós, os homens de bem da república”, em alusão ao discurso dos conservadores da direita brasileira que se autodeclaravam “cidadãos de bem”.

Pacheco: Não me fale em coluna, que eu já lembro do Prestes e daquela corja de comunistas. Olha, fico todo arrepiado.

Geraldo: Parece apreensivo. Estavas certo que a revolução ia dar com burros n’água?

Pacheco: Não. O Brasil conquistou sua democracia há muito pouco tempo para abrir mão dela assim. Definitivamente não há clima para golpe. Muito menos à mão armada. E nós, os homens de bem da república, não temos nada a temer.

A presença da sátira, apresentada em todos os seus elementos, também é percebida em outras passagens do primeiro episódio da segunda temporada, em especial naquela em que o tenente Matoso da Primeira Brigada de Cavalaria

⁴ Data de lançamento: 1 de outubro de 2019. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7964129/?s=0s>

invade um prédio público e proclama que Getúlio Vargas está no poder. Na ocasião, Matoso afirma que “acabou a mamata”, frase repetida diversas vezes pelo presidente Jair Bolsonaro (2019 - 2022) ao referir-se sobre atos de corrupção em governos anteriores

Matoso: Vossa república caiu! acabou a mamata. A corrupção, os conchavos, a troca de favores, os cabides de emprego. Essa ideia que tens de Brasil, esqueçam! Estamos adentrando uma nova era de justiça e prosperidade. Um governo do povo para o povo, sobre a égide do grande Getúlio Vargas”.

Episódio 15⁵ - “Nas ondas do rádio”

O terceiro episódio da segunda temporada traz como arco narrativo a chegada do rádio na casa da família Bulhosa e com ele as diversas propagandas do governo Vargas, além de destacar o medo da ascensão do comunismo na sociedade brasileira. O diálogo abaixo foi extraído de uma cena em que a família Bulhosa está na mesa de jantar, e Maria Tereza expressa seu desprezo pelos comunistas, que seriam uma ameaça para o Brasil. Na perspectiva do nacionalismo banal proposto por Billing (1995), a identificação e exposição de ameaças internas ou externas à nação é uma característica da retórica nacionalista.

Maria Tereza: “Sabe o que é isso? Meia dúzia de indolentes querendo fazer arruaça. Fica nervosa não minha filha. Lucélia, fecha essa janela para não entrar comunismo aqui dentro”.

O discurso de Maria Tereza prossegue e ela declama seu amor pelo Brasil, ao exaltar as qualidades da nação, em um gesto de valorização do país.

Maria Tereza: “Não podemos falar em fome. Nós vivemos em tempos de fartura nesse país, de alegria, de brilho, de viço de outrora”.

Na conversa, ainda é possível identificar o nacionalismo através do uso de elementos da identidade nacional, no caso o hino do Brasil, e um sentimento de pertencimento à nação.

⁵ Data de lançamento: 15 de outubro de 2019. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8002828/?s=0s>

María Tereza: “Eu quero dizer que hoje eu aprendi uma coisa muito importante. Que nós vivemos num país maravilhoso, e se a gente não está feliz, a culpa é de quem? É nossa. Por isso que agora, minha família, meu marido, meus filhos, eu gostaria que vocês se levantassem para que todos nós cantássemos, antes de comer, o hino nacional. Por favor, vamos agradecer o Brasil”.

A sátira da conversa está presente por meio da ridicularização, quando Maria Tereza, ao entoar o Hino Nacional, não sabe cantar a letra da forma correta, situação essa que, na vida real, aconteceu com artistas consagrados como Fafá de Belém, Carlinhos Brown e Vanusa, que também erraram a letra do Hino Nacional em eventos públicos.

*María Tereza: “Ouviram do Ipiranga as margens flácidas, de um povo heróico **bravo** retumbante. Gigante pela própria **dureza**. És belo, és límpido, lindo, flácido colostro”.*

Considerações finais

A série “Filhos da Pátria” é um produto audiovisual que utiliza o nacionalismo brasileiro para satirizar a política do país, sustentada pela relação dramática e lúdica de acontecimentos políticos do passado e contemporâneos da história do Brasil. Neste sentido, o nacionalismo identificado no período pós-independência, assim como aquele proclamado na época do Estado novo, é utilizado como uma crítica social aos acontecimentos sociopolíticos do presente. Essa ideia é percebida nos diálogos dos personagens que, mesmo estando em contextos temporais e históricos diferentes, utilizam expressões ditas por políticos contemporâneos como “acabou a mamata” e “cidadãos de bem”, premissa que confirma a hipótese levantada nesta pesquisa que defende que a série utiliza o nacionalismo brasileiro de outras épocas para satirizar a política contemporânea.

A primeira leva de episódios foi liberada em 2017, um ano antes das eleições gerais de 2018. Dessa forma, foi identificado que o seriado carregava consigo uma vontade de ridicularizar o próprio nacionalismo brasileiro ao apresentar dois protagonistas corruptos, Geraldo e Pacheco, e um negro liberto, Zé Gomes, que mesmo vivendo no período da escravidão, exalta a nação, ainda que visando tirar benefícios da situação, atitude que vai ao encontro do que Benedict Anderson (1983) aponta como uma comunidade imaginada constituída de forma

horizontal, pois, mesmo sendo um escravo liberto, vivendo em uma sociedade escravocrata, o personagem Zé Gomes demonstra o mesmo amor pela nação que Dom Pedro I ao declarar a Independência do Brasil.

No arco da segunda temporada, a série mostra as formas como os elementos da identidade nacional impactam as pessoas diariamente, proposta presente no nacionalismo banal de Michael Billing (1995), premissa demonstrada no comportamento da personagem Maria Tereza quando a mesma entoava o hino nacional brasileiro (elemento da identidade nacional) na mesa de jantar. Na mesma cena em que canta o hino nacional, o discurso de Maria Tereza também apresenta outras características do nacionalismo banal como o *national-others*, caracterizados pelos comunistas que eram vistos como os inimigos da pátria, e o *national-self*, entendido como o “cidadão de bem”, defensor da pátria e apoiador do regime de Getúlio Vargas.

Ainda no contexto da segunda temporada, em 2019, a série traz muitas referências aos discursos do presidente Jair Bolsonaro, que costumava criticar a corrupção do sistema institucional brasileiro e se proclamava um cidadão de bem. A sátira, neste sentido, está quando Pacheco e Bulhosa, dois funcionários públicos corruptos, se declaram cidadãos de bem. Essas questões vão ao encontro da hipótese defendida nesta pesquisa que defende que a sátira do nacionalismo brasileiro é utilizada no seriado como uma crítica social ao cenário político contemporâneo à série.

Referências

ABREU, Luciano A. Nacionalismo, autoritarismo e desenvolvimento no Brasil de Vargas. MÉTIS: história e cultura. 2014.

ANDERSON, Benedict. Imagined Communities : Reflections on the Origin and Spread of Nationalism. London: Verso, 1983.

ANDERSON, Perry. O Brasil de Bolsonaro. London Review of Books. 2019.

BARONAS, Roberto Leiser; ARAÚJO, Lígia Mara Boin Menossi; PONSONI, Samuel. Reflexões acerca da análise dialógica dos discursos verbo-visuais: um caso de humor na política brasileira. Bakhtiniana, São Paulo, 8 (2): 24-42, Jul./Dez. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/HjyMH6hLZLS8ghBx39wM9Cg/?format=pdf&lang=pt>

BILLING, Michael. Banal Nationalism. London Sage. 1995.

BUNDE, Mateus. Sátira. Todo Estudo. Disponível em: <https://www.todoestudo.com.br/literatura/satira>. Acesso em: 20 de Fevereiro de 2024.

CALHOUN, Craig. The Importance of Imagined Communities – and Benedict Anderson. DEBATS · Annual Review, 1 · 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/320602615_The_Importance_of_Imagined_Communities_-_and_Benedict_Anderson

CALHOUN, Craig. Nationalism. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

CARDOSO, Márcia Regina Gonçalves; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago; GHELLI, Kelma Gomes. Análise de Conteúdo: Uma metodologia de pesquisa qualitativa. Cadernos da Fucamp, v.20, n.43, p.98-111/2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2347>

CARNIEL, Fagner; RUGGI, Lennita; RUGGI, Júlia de Oliveira. Gênero e humor nas redes sociais: a campanha contra Dilma Rousseff no Brasil. OPINIÃO PÚBLICA, Campinas, vol. 24, nº 3, set.-dez., p. 523-546, 2018.

DUTRA, Eliana Regina de Freitas. O Ardil Totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ; Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1997.

FREIRE, Fernanda. Eleições da Zoeira: Memes, humor e política nas eleições presidenciais de 2014. 147 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2016.

GELLNER, Ernest. Nations and nationalism. Cornell University Press. 1983.

GODOY, Arlinda. Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. RAE-Revista de Administração de Empresas, v. 35, n. 2, mar-abr, p. 57-63, 1995.

GRAY, Jonathan. & JONES, Jeffrey P. & THOMPSON, Ethan. *Satire TV*, Nova Iorque: NYU Press. 2009.

GUIMARÃES, Samuel. Nação, Nacionalismo e Estado. *Estudos Avançados* 22 (62), 2008.

LESSA, Carlos. Nação e nacionalismo a partir da experiência brasileira. *Estudos Avançados* 22 (62), 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, Suely Ferreira.; GOMES, Romeu.; MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Revista e atualizada. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 9-29. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. *Revista Educação*, Porto Alegre, RS, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MATTOS, Marcelo Badaró. Governo Bolsonaro Neofascismo e Autocracia Burguesa no Brasil. *Relações Internacionais*, março. 2022.

MYLONAS, Harris. e TUDOR, Maya. Nationalism: What We Know and What We Still Need to Know. *Annu. Rev. Political Sci.* 2021. 24:109–32. Disponível em <https://www.annualreviews.org/content/journals/10.1146/annurT>